

Jornal da

SOCIEDADE BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE
DE PORTO ALEGRE



Brasileira

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V.14 NÚMERO 02 NOVEMBRO 2010



Narcisismo em debate:

Textos inéditos de Renée Roussilon . Victor Guerra . Carlos Almeida Vieira

Narcisismo em debate

A importância do texto de Freud *Introdução ao Narcisismo* (1914) vem sendo cartografada e redescoberta desde sua aparição e, conforme evolui o pensamento psicanalítico, vai encontrando novas repercussões na clínica e incessantes ressignificações. A partir de 1914, o conceito de Narcisismo passa a ter um estatuto de estrutura e não apenas uma conotação evolutiva, desde o autoerotismo até o amor objetual, já que nunca é totalmente abandonado pelo sujeito e a libido voltará a encontrar guarida no ego, sempre que as condições de fragilidade e desamparo, inerentes ao exercício de viver, assim o exigirem.

Do ponto de vista evolutivo, inicialmente há uma configuração autoerótica, na qual as pulsões parciais se satisfazem no próprio corpo, ainda não vivenciado como unidade. O narcisismo “é um investimento libidinal de si mesmo, que passa pelo investimento libidinal do ego, inseparável da sua própria constituição” (Laplanche). E qual é a ação que constroi o ego, de forma a transformar o autoerotismo em narcisismo primário? É a ação dos pais, cujo olhar amoroso, sustentado na completude do seu próprio narcisismo redutivo, “narcisiza” o bebê. Portanto, o ego é a imagem unificada de si mesmo e o narcisismo é a captação erótica dessa imagem, que ocorre através da relação com o outro. A libido não se autoengendra no ego, ela é um produto das alquimias do amor parental que, “por encanto”, constroi a humanidade do novo ser, dando-lhe consistência psíquica, criando as condições para uma vivência autêntica de si mesmo, como alguém que tem uma existência única neste mundo. O que está em jogo aí é a criação, a partir do intersubjetivo, de uma identidade, de uma autoestima e a perspectiva de transformar todo esse constructo narcísico em ideais de um vir a ser atravessado pela ética da existência do outro na sua subjetividade.

Falências nesse processo de construção de si mesmo paralisam o sujeito numa busca incessante pela completude não vivida. Ocupado em manobras de afirmação e de sustentação da autoestima, que possam dar conta do vazio de sua existência, em detrimento de investimentos em ideais culturais, perde-se da felicidade que vem do impacto estético contido na transcendência de si mesmo. O outro, com suas surpresas e mistérios não é tolerado, mas sentido como uma “inquietante estranheza” (Freud). O caráter narcísico da organização social atual, em que a comunicação íntima cede lugar à aparência física e que a palavra, como suporte do pensamento e da subjetividade, perdeu protagonismo, conduzindo a uma clínica psicanalítica matizada pelas somatizações, manifestações de violência e vivências de tédio e de falta de sentido, convoca a nossa reflexão.

Assim, o projeto da diretoria para o ano que vem é abrir espaços para discutir O narcisismo, em sua multiplicidade de aspectos e em diferentes âmbitos e produções da Brasileira. Dessa forma, esse será o tema eixo da nossa atividade em parceria com a Livraria Cultura, bem como do próximo volume da Revista. Este número do Jornal, já antecipando todo esse movimento, debruça-se sobre o assunto, através de três excelentes artigos inéditos, que abordam diferentes vértices das problemáticas do narcisismo e suas consequências na constituição psíquica e na clínica atual. Agradeço, sinceramente, aos autores, René Roussillon, Victor Guerra e Carlos de Almeida Vieira por, através de suas brilhantes ideias, introduzirem essa discussão entre nós.

Obrigada a Caroline Milman pelos belíssimos poemas do Espaço Livre.

A toda diretoria da Brasileira, pela confiança e apoio permanentes. Aos artífices desta publicação, incansáveis interlocutores e generosos produtores de ideias Adriana Loiferman, Celso Gutfreind e Rodrigo Boettcher, meu muito obrigada. À Ananda Feix, com sua extrema dedicação e capacidade viabilizadora e Helena Mello, já indispensável em sua escandalosa eficiência multitarefa, obrigada! Aos leitores, por darem sentido ao nosso trabalho e a todos os que contribuíram com esta publicação: obrigada!

A tecnologia a serviço da psicanálise

A Brasileira está beneficiando-se da melhoria efetuada na informática. A Secretaria se desenvolve com mais agilidade e organização. Os emails de divulgação das atividades para todo o mailing da Sociedade, que antes levavam dois dias para serem encaminhados, agora o são em dois minutos! Outra novidade interessante, é a aula por Skype que realizamos com o colega membro didata da APA, Néstor Greco, para esclarecer o estudo de sua tese sobre a puberdade. Tivemos, assim, no seminário da formação em infância e adolescência, Teoria do Desenvolvimento III, mais de uma hora de sua atenção, respondendo as perguntas do grupo com sua habitual clareza, inteligência e simplicidade. Esse recurso poderá ser usado de agora em diante, já que temos as condições técnicas para isso e o desejo de enriquecer-nos com a aprendizagem e a troca de experiências com professores de outras latitudes.

Nosso novo site está em pleno funcionamento, apenas esperando os mini-currículos de alguns membros, que ainda não mandaram. Visitem, vale a pena!

A Revista da Brasileira, lançada juntamente com este número do jornal, tem como tema “A Psicanálise de Crianças e Adolescentes: Teoria e Clínica” e conta com artigos de colegas da casa e de fora, da Argentina e do Uruguai. Prepare-se para escrever um artigo ou, simplesmente, para receber o próximo número da Revista, cujo tema será “O Narcisismo”.

Dra. Helena Ardaiz Surreaux



Jornal da Brasileira

Jornal da Brasileira
Órgão de Divulgação da
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre,
fundada em 1992.
Rua Quintino Bocaiuva, 1362
CEP 90440-050 - Porto Alegre - RS - Brasil
Tel./Fax 55 51 3330-3845 | 3333-6857
www.sbpdepa.org.br | sbpdepa@sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

DIRETORIA

Presidente: Dr. Gley Silva de Pacheco Costa
Secretário: Dr. José Luiz Freda Petrucci
Tesoureiro: Dra. Heloísa Poester Fetter
Comissão Científica:
Dr. Marco Aurélio Crespo Albuquerque
Comissão de Comunicação:
Dra. Helena Surreaux
Comissão de Relações com a Comunidade:
Dr. José Ricardo Pinto de Abreu
Comissão do Centro de Atendimento Psicanalítico: Dra. Caroline Milman
Membro Honorário: Dr. David Zimmermann

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretor: Dr. Júlio Campos
Secretário: Dr. Fernando Linei Kunzler
Subcomissão de Formação: Dr. Gildo Katz
Subcomissão de Seminários:
Dr. Ignácio Alves Paim Filho
Subcomissão da Infância e Adolescência:
Dra. Vera Maria Homrich Pereira de Mello

NÚCLEOS

Núcleo de Infância e Adolescência
Dra. Mayra Dornelles Lorenzoni
Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional
Dra. Cynara Cezar Kopittke
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis
Dr. Márcio José Dal-Bó

JORNAL DA BRASILEIRA

Editor: Dra. Helena Surreaux
Conselho Editorial: Dra. Adriana Loiferman, Dr. Celso Gutfreind, Dr. Rodrigo Boettcher
Jornalista Responsável: Helena Mello
Revisão: Antônio P. Falceta e Luiza B. Martins
Projeto Gráfico: Paola Bulcão Manica
Assistente Editorial: Ananda Feix Ribeiro
Secretárias: Fernanda Lemke e Michaela Wünsch
Execução Gráfica: Agetra
Tiragem: 2000

Participar é muito mais do que pertencer

Neste ano de 2010, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre completou vinte anos, desde que foi fundado o Movimento para uma Nova Sociedade Psicanalítica em Porto Alegre, o qual foi reconhecido pela IPA como Grupo de Estudos em 1992, como Sociedade Provisória em 1997 e como Sociedade Componente em 2001. Durante esse tempo, um dos assuntos recorrentes nas reuniões das sucessivas diretorias tem sido a limitada participação de candidatos nas atividades científicas da Sociedade, repetindo o comportamento de um grande contingente de membros, em que pese, segundo o Artigo 10.º do Estatuto Social, representar um dever inalienável de todos “participar das responsabilidades administrativas da Sociedade e do Instituto”, assim como “trabalhar para o progresso da Sociedade”. Além disso, conforme o Artigo 29.º do Regulamento do Instituto, uma das exigências para promoção à função didática consiste na “inserção ativa e adequada na instituição”, incluindo, obviamente, a participação em atividades científicas, de ensino e administrativas. A primeira relação que o tema da participação estabelece é com o sentimento de pertencimento, uma vez que, para pertencer, é indispensável participar. Dessa forma, por meio de suas leis, a Sociedade e o Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre procuraram incrementar um sentimento que, supostamente, retroalimentaria a participação. No entanto, o que a realidade tem demonstrado é que esse ciclo, fundamental para “o progresso da Sociedade”, não chega a se estabelecer de uma forma permanente e autônoma, efetivando-se a participação precária e, predominantemente, sob a forma de apoio ou colaboração. Nessa linha, chama a atenção o fato de que somente 28% dos candidatos da Sociedade responderam ao questionário de uma pesquisa realizada por Rodrigues, Klöchner, Puiatti e Skowronsky (2007) a respeito do sentimento de pertencimento ao Instituto e à Sociedade, a qual revelou que apenas a metade dessa pequena amostra, provavelmente a mais interessada, participava de alguma atividade institucional, além dos seminários.

Na verdade, não é apenas o sentimento de pertencimento que se esvanece quando não existe participação, pois participar é muito mais que pertencer: é interferir diretamente na formação e na prática psicanalíticas. A esse respeito, refere Zac de Filc (1999) que a formação analítica deve ser concebida assentada sobre quatro pilares, já que, além e adiante da tradicional estrutura de tripé, devemos incluir a instituição, que, por sua vez, está imersa no meio sócio-político-econômico-cultural e cruzada por transferências, idealizações, resistências e contratransferências que dão conta da presença do inconsciente e de seus efeitos. Ao também enfatizar a importância de um quarto elemento na formação psicanalítica, Petrucci (2004) adverte, oportunamente, que a questão em jogo não se restringe às projeções de conflitos pessoais no objeto instituição, mas no quanto a análise pessoal, articulada com as demais atividades formativas e com a participação institucional, poderá enriquecer a formação do analista. Portanto, o que não pode ser subestimado é que a participação nas variadas atividades da instituição representa um importante, senão indispensável,

subsídio para a personalidade do analista e para a sua prática, na medida em que proporciona uma multiplicidade de papéis e interações que conferem ao profissional um variado, rico e um desafiador convívio com as diferenças pessoais, com o pluralismo científico, com a dimensão humana proporcionada pelo coletivo e com as particularidades implicadas nos conflitos entre os interesses pessoais e grupais. Essas experiências precisam ser vividas tanto pelo candidato em formação quanto por seu analista, conferindo à denominada “análise didática” o seu diferencial, a sua exigência a mais da “análise terapêutica”. É desse marco referencial que devemos analisar a participação de candidatos e analistas, incluindo os “didatas”, nas atividades científicas e administrativas da Sociedade, tendo presente que, em um número expressivo de casos, ela é permanente e, eventualmente, intensa em outras instituições. Provavelmente, não seja demasiado abordar o aspecto tóxico e portanto desvitalizante, observável na temática, no discurso e até mesmo no tom de voz de analistas com tendência ao isolamento, os quais, simultaneamente, encontram-se mais expostos a diversas formas de adoecimento emocional e/ou físico e, não raro, a *actings* que surpreendem e contrastam com suas incontestáveis capacidades. Pela falta de oportunidade de analisarem as relações com a instituição e com seus integrantes durante a sua formação, é provável que alguns analistas enfrentem sérias dificuldades nesse convívio e, como defesa, acabem se encastelando, ou seja, criando um mundo de encantamento, que leva, como nos contos de fada, a uma paralisia. Ao se tornarem “didatas”, por certo, imprimirão em seus pacientes em formação esse modelo idealizado e, até certo ponto, xenofóbico em relação à Sociedade de que fazem parte. Dessa forma, contribuem para o estabelecimento de uma cadeia que se opõe ao desenvolvimento da psicanálise. As reanálises, em muitos casos, têm colaborado para corrigir essa distorção prejudicial ao indivíduo e à instituição.

Por essas razões, é fundamental ampliar o modelo tripartite de formação psicanalítica (análise pessoal, seminários teóricos e supervisão), ao qual a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre acrescentou a realização de ficha de seminário e monografia, para incluir a participação nas atividades científicas e estabelecer um comprometimento com as responsabilidades administrativas da Sociedade e do Instituto, a qual deixaria de representar apenas um apoio ou uma colaboração para se tornar mais um importante pilar da preparação dos candidatos e um requisito indispensável aos membros, em particular àqueles que pretendem analisar colegas em formação. Não obstante, vemos que, para tanto, as regras não bastam; é preciso mudar a cultura, o que conseguiremos falando e escrevendo sobre o assunto por um longo tempo, no que servem de exemplo os três citados trabalhos, envolvendo, de um lado, um grupo de então candidatos e um analista fundador da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e, de outro, a *chair do Sponsoring Committe*, que avaliou e aprovou o ingresso na IPA, como Grupo de Estudos, do Movimento para uma Nova Sociedade Psicanalítica em Porto Alegre.

Gley P. Costa

REFERÊNCIAS

PETRUCCI, J.L.F. O tripé: formalidade e informalidade. Reunião científica na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, abr.2004.

RODRIGUES, A.M.P.; KLÖCHNER, L.M.S.; PUIATTI, R.I.; SKOWRONSKY, S.B. O candidato e a instituição psicanalítica: um quarto eixo na formação analítica? Revista Psicanálise, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, V.9,N.1,2007.

ZAC DE FILC, S. Formación psicoanalítica hoy: creatividad y futuro. Revista Psicanálise, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, V.1, N.1,1999.

Ponte com o público jovem

Em seu sexto de atividade, o Núcleo de Relações com a comunidade teve, em 2010, a satisfação de receber o valor de U\$ 5.450,00 da IPA, referente ao incentivo pelo DPPT/IPA ano 2006. O relatório de apreciação do programa enviado ao site da IPA também está disponível em nosso site. Tendo a característica de se desenvolverem de modo continuado e ao longo do ano, as atividades do Núcleo constituem-se em uma ponte permanente de contato, reunindo sempre um público jovem e renovado. Os seminários clínicos e os grupos de estudos foram muito procurados e reuniram, ao longo deste ano, cerca de 62 pessoas na sede. Abaixo, relacionamos os temas que foram trabalhados:

- Prática Psicanalítica e Psicoterapêutica na Cultura Pós-Moderna – 13 participantes;
- Estudo sobre a Obra de Thomas Ogden – 3 participantes;
- Estudos de Casos Clínicos – 9 participantes;
- Casos Clínicos de Crianças – Desenvolvimento Normal e Psicopatologia – 7 participantes;
- Estudos sobre Vínculos e Transgeracionalidade – 13 participantes;
- O lugar da Mãe na Construção do Eu; estudos revisados das relações de objeto e sua implicação na prática clínica – 3 participantes;
- Patologias do Desvalimento – 11 participantes;
- Estudos sobre Transtornos Alimentares – 3 participantes.

O Cine-Fórum, mantendo a dinâmica de apresentação de filme, seguida de discussão em pequenos grupos e continuada por discussão plenária, é bem acolhido e, como de costume, reuniu o grupo que gosta de assistir a bons filmes e exercitar a leitura da psicanálise aplicada. Assistimos a e trabalhamos dois filmes. O destaque de inscrições – no total de 52 reservas - ficou para a sessão do filme “ O segredo dos seus olhos”, que despertou grande interesse e discussões muito criativas.

Psicanálise e educação: pós-graduação

Teve início em setembro deste ano a 2ª edição do curso que mantemos dentro da parceria de colaboração científica com a UNIRITTER. Formado conforme as exigências do Ministério da Educação, com 360 horas de duração, o curso é constituído de três módulos teórico-práticos, com seminários transdisciplinares, e de um quarto, constituído de orientação e elaboração de trabalho monográfico. A turma atual tem 11 alunos e as aulas se desenvolvem em clima de amizade, dando continuidade ao importante intercâmbio que mantemos com as instituições acadêmicas. Embora tenhamos outras parcerias, a que estabelecemos com a UNIRITTER tem características singulares e poderá nos proporcionar oportunidades de ensino e pesquisa. Exemplo disso foi o envolvimento dos professores-psicanalistas com os trabalhos de conclusão de curso dos alunos, o que os colocou de frente aos modelos de pesquisa acadêmica e resultou na apresentação de 24 monografias. A apresentação dos trabalhos dos alunos da primeira turma foi tão interessante que a Diretoria da Sociedade pensa em fazer uma jornada científico-educacional específica para apresentação das monografias no próximo semestre.

O programa de ensino da segunda turma do curso de PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO foi mantido como inicialmente planejado. O primeiro módulo trata dos fundamentos da psicanálise e da educação. O segundo, das relações entre aluno, professor e aprendizagem. O terceiro aborda o grupo e a instituição e o quarto trata da metodologia de pesquisa e orientação da monografia. Informações mais detalhadas como o desenvolvimento da sequencial das unidades de ensino poderão ser vistos no site da SBPdePA. Todas as atividades descritas acima são planejadas e coordenadas pelo grupo da Comissão de Relações com a Comunidade, constituído pelos Drs. José Ricardo P. Abreu (coordenador), Denise Zimpek Pereira, Rosa Squeff, João Luis Ribeiro, Laura Ward da Rosa e Jussara Körbes.

Dr. José Ricardo Pinto de Abreu

CAP promove reunião clínica

O CAP da Brasileira é um espaço marcado pela participação de colegas que se reúnem em torno da clínica psicanalítica. No presente momento, é composto por 16 pessoas, sendo 13 membros do Instituto, 02 membros associados e 1 membro titular. Estamos com uma média de 7 encaminhamentos ao mês, a grande maioria através do site. Percebe-se que já há, em nosso meio, um reconhecimento do CAP como um canal efetivo de procura para o atendimento psicanalítico.

Nas reuniões mensais, tem-se conversado regularmente sobre nossa prática, sempre com seus interrogantes inerentes ao processo psicanalítico. Forma-se, assim, um núcleo no qual a clínica circula arejadamente, e isso tem tornado o CAP bem mais do que uma lista de analistas para atender pacientes.

Baseado nas últimas discussões clínicas surgidas no grupo, o CAP organizou, no dia 26 de outubro, uma reunião aberta aos Membros da Brasileira, em que foi apresentado o material de uma paciente em início de tratamento. O Dr. Lores Meller foi convidado a participar como comentarista. A reunião foi bastante proveitosa. Todos os participantes puderam se colocar e refletir, criando um clima estimulante de trabalho. Fica o projeto de, oportunamente, voltar a desenvolver reuniões desse tipo.

Lembramos que o CAP encontra-se permanentemente aberto aos colegas que queiram participar. As reuniões são na última terça-feira de cada mês das 12h15 as 13h30 e na primeira quarta-feira de cada mês das 20h30 as 21h45.

Dra. Caroline Milman

Atividades revitalizam núcleo de infância e adolescência

O Projeto “Pensando com o NIA – Debates Psicanalíticos” foi inaugurado neste 21 de agosto, na sede da nossa Sociedade, com o tema “Precisamos falar sobre *Bullying*”.

O evento contou com a participação especial do professor Júlio Bernardes – coordenador do Seminário de Filosofia da Brasileira, que em muito iluminou o evento com suas contribuições na área de sua formação, o que tornou o debate uma experiência ímpar pela possibilidade profunda de troca e intersecção de duas grandes áreas do conhecimento humano: Filosofia e Psicanálise. E, assim, o “fenômeno *Bullying*” pôde ser identificado, pensado e entendido nos mais diversos segmentos da sociedade indo, então, muito além da violência encenada nas escolas.

No primeiro momento do encontro, a colega Aline Pinto exibiu o desenho animado “Lucas e o Formigueiro” e após apresentou, de forma sintetizada, seu trabalho sobre “Reflexões Psicanalíticas acerca do *Bullying*”, que em muito contribuiu para aquecer nossas percepções e abastecer nosso pensar e, assim, foi dada a partida para a discussão com o grande grupo.

Contamos com um número expressivo de colegas, em uma manhã de sábado das 10 às 12h, numa dinâmica interativa, espontânea e fecunda.

Ficamos com a feliz certeza de que o Núcleo de Infância e Adolescência revitalizou-se! O que dá garra à equipe NIA para seguir investindo nesse firme propósito!

Dando sequência, a próxima atividade ocorreu no sábado, 16 de outubro, com o tema “Precisamos falar sobre as escaladas frenéticas do adolescente: vida e/ou morte?”. Como debatedores, tivemos os colegas do Grupo de Estudos Espaço Potencial, que contribuíram com aportes psicanalíticos à luz de Winnicott.

Em 20 de novembro, realizou-se a terceira atividade com o tema “Precisamos falar sobre as crianças das neoconfigurações familiares”. Dessa vez, tivemos como debatedores as colegas do “Grupo de Estudos sobre Novas Tecnologias de Produção Assistida e Subjetividade Psíquica”.

Dia 4 de dezembro, teremos como tema “Precisamos falar sobre o desejo Filicida”, contando com a participação especial das colegas do Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional. Assim, concluímos a agenda científica do NIA para este ano.

Dra. Mayra Dornelles Lorenzoni

Júlio Roesch de Campos:

A vida estimulando a ser analista

O atual Diretor do Instituto de Psicanálise fala de seu interesse pelas teorias freudianas e de suas experiências no Brasil e no exterior em busca da compreensão das patologias humanas

O que o levou a ser psicanalista?

Como não poderia deixar de ser, um conjunto de fatores. Dentre os mais importantes poderia citar o fascínio pelo cérebro e suas funções desde os estudos de anatomia e histologia. Outro fator: a arrogância dos cirurgiões me direcionou à clínica médica. Inusitadamente, foi um professor de clínica que me chamou, pela primeira vez, a atenção ao fenômeno da “compulsão à repetição”. Ele não acreditava muito em remédios e parecia, no fundo, ter a opinião de que as conversas com os pacientes tinham uma inexplicável capacidade curativa. Acendeu em mim a chama das conversações mais longas e o descobrimento de que as pessoas estavam muito dispostas a conversar longamente sobre seus sofrimentos. Compreendi que havia sempre uma resposta curta e outra longa. Na curta a “azia e os vômitos” eram sempre causados por alguma comida estragada; na longa eram causados por algum tema, ao longo da refeição, que não havia sido digerido. Comecei a compreender que o diagnóstico da comida estragada era uma identificação do paciente com o desejo do médico de terminar rápido a consulta para poder atender a seus outros pacientes e interesses. Um sem-número de outros estímulos me levaram em direção à psicanálise. Destacaria uma manhã quando escutei, do meu professor de pediatria, que a personalidade se forma nos quatro primeiros anos de vida. “Que bobagem”, pensei. Mas a frase ficou dando voltas na minha cabeça. Mas consigo também localizar um momento mágico na minha decisão de ser psicanalista. Foi quando, durante o transcurso do quarto ano de medicina, viajei ao Rio de Janeiro para participar de um congresso psicanalítico e tive a oportunidade única de presenciar Arnaldo Rascovski expor, com a inteligência e o entusiasmo que lhe eram peculiares, para uma plateia de quase duas mil pessoas, sobre o controverso (e ainda hoje não assimilado) tema do psiquismo fetal. Saí do Copacabana Palace completamente convencido de

que esta seria a minha profissão. Mas foi mais fundamental a minha clara determinação de analisar-me. Era uma escolha profissional que me permitiria as duas coisas. Minha preferência por Buenos Aires se produziu por haver lido um livro de Angel Garma e, pela identificação de pensamento, o escolhi como analista.

Poderia comentar brevemente acerca de sua formação psicanalítica?

Guardo saudades desse período de minha vida porque foi uma época de grandes descobrimentos como ser humano. E de grande luta também. Minha formação ocorreu em dois níveis paralelos: formal e informal. No formal, fiz, praticamente simultâneas, as formações na APA e na Universidad de Belgrano. Como a formação da personalidade e a neurose eram infantis, na APA minhas escolhas de seminário estiveram, em muito, ligadas ao estudo dos primeiros anos de vida. De tal maneira que, quando se fundou o departamento de crianças e adolescentes, eu já tinha quase todo o currículo concluído. E a formação na Universidad de Belgrano foi espetacular. Jamil Abuchaim realizou a formação de seus sonhos, convidando quase todos os melhores pensadores psicanalíticos da época. Estudei Darwin, sexologia humana, astronomia, cosmologia, etologia, literatura, física e...psicanálise. Participar dos inícios do CIMP (Centro de Investigação em Medicina Psicossomática) e estudar a forma integrada como Luis Chiozza concebia suas patobiografias são fundamentos preciosos do meu pensar psicanalítico. Dou muito valor a minha “formação informal”. Descobri que a maioria de meus professores preferia usar tátis e constatei, com prazer, que minhas caronas eram muito bem-vindas. Assim, me tornei motorista (e até amigo) de algumas pessoas que admirava, e nossas conversas costumavam ser construtivas e esclarecedoras. Por haver participado de todos meus momentos importantes, e principalmente por suas qualidades humanas, Susana Ferrer se destaca.

Minha gratidão a ela é incomensurável.

O que o motivou a pertencer à fundação de uma nova sociedade em Porto Alegre?

Praticamente fomos obrigados, pelas circunstâncias, a formar a nova sociedade. Eu fui o segundo dos “argentinos” a chegar a Porto Alegre. Como era praxe, iniciei o processo para fazer parte da sociedade existente. Eram exigidos uma supervisão e um trabalho. Quando estava terminando a supervisão com o inesquecível Cyro Martins, havendo chegado muitos outros colegas de Buenos Aires, foi ficando claro que a sociedade local não teria meios de nos albergar. Era muito pequena na época e, se entrássemos todos, representaríamos uma força política inconcebível. Assim que nem eles nem nós tivemos alternativa. E o resultado foi benéfico para ambas as sociedades.

Como foi exercer a clínica psicanalítica em outro país, em outro idioma?

Muito difícil...até traumática. Foi uma época de grande agitação política e muita dificuldade econômica para os argentinos o que, aliado à desconfiança provocada pelo estrangeiro, fez dessa experiência para mim uma das maiores dificuldades que tive de enfrentar na vida. Quanto ao idioma falado, não tive problemas. Apreendi muito rápido. Já era indiferente para mim ler ou falar em português ou espanhol. O desgastante na clínica era a tradução da idiosincrasia. As diferenças entre uma pessoa de Taquara, Uruguiana, Recife ou Rio de Janeiro as sabemos por conhecimento incorporado. Lá, quando alguém me dizia que era de Santa Fé ou de Corrientes o esforço adicional de transcrição era desgastante.

Quais os autores mais influentes na sua prática clínica? E que contribuições de tais autores o impactaram especialmente?

Embora, na prática, essa divisão não seja nada clara, divido os psicanalistas em dois grupos: os ecléticos e os atléticos. Os atléticos têm uma fórmula definida de entender as pessoas, e a sua escuta

segue o princípio de enquadrar o que ou- vem naqueles cânones. Claro que, em alguma medida, todos somos assim. Todos temos tendência a formar pré-conceitos. Por isso admiro mesmo os que buscam ser ecléticos, os que buscam entender o ser humano por curiosidade. Meu ideal é ser um analista sherloquiano, embora seja avesso à filiação a qualquer escola. Um analista sherloquiano é movido em especial pela curiosidade pela alma humana (e não somente pela enfermidade). Move-se com muito cuidado pela cena do crime para não destruir as evidências e não tem a menor pretensão de prender o assassino (curar as pessoas). Por essas qualidades, admiro vários desses livres-pensadores como Winnicott, Bion e Freud (quando este não está defendendo a psicanálise dos detratores). Como exemplos atuais de analistas desse tipo citaria Antonino Ferro e Stefano Bolognini. Mas minha verdadeira formação psicanalítica proveio de fora da psicanálise. Nesse ponto, sigo Freud. Ele demonstrou que é possível aprender psicanálise escutando (a si mesmo e aos outros) e lendo os clássicos. A formação do indivíduo como livre-pensador é anterior e base para a formação psicanalítica. Destacaria, neste caminho: Feodor Dostoiévski, que me ajudou com sua generosidade, ao abrir seus porões, por vezes imundos e rechaçantes, causando em mim, adolescente, uma expansão do meu sentido de humanidade; Aldous Huxley que, em 1932, previa o uso das ritalinas e antidepressivos que temos hoje. “Admirável Mundo Novo” foi fundamental para o estudante de Medicina para a desidealização do mundo dos adultos, em que se incluíam minhas vivências cotidianas com os laboratórios de medicamentos e aparelhos médicos, assim como para uma visão crítica do “status quo” como um todo. Um grande salto e muitas influências posteriores, de os autores que me tiram o sono hoje. Destacaria os físicos Murray Gell-Mann (“O Quark e o Jaguar”) e o brasileiro Marcelo Gleiser (“Criação Imperfeita”) por seus esforços de unificação dos conhecimentos humanos, exemplos de pessoas de pensamento complexo combatedor das simplificações. E nunca deixarei de apaixonar-me por romances históricos transgeracionais como “O Tempo e o Vento”, de Érico Veríssimo, e “A Criação”, de Gore Vidal.

Que temas ou questões relativas à psicanálise têm ocupado sua atenção e reflexão atualmente?

Além de seguir avançando nos dois grandes temas que me ocuparam anteriormente (A relação transferência-contratransferência e o processo criativo), estamos há quatro anos, com um grupo de colegas, estudando o complexo tema da maternidade, tanto em suas bases etológicas (comparação com os outros animais) e em seus fundamentos no inconsciente, como também as profundas modificações atuais causadas pelo avanço da ciência e as mudanças comportamentais dos relacionamentos entre as pessoas. Também tenho tido especial interesse e alguma dedicação ao estudo do ego, com seus modos de funcionamento e mecanismos de defesa por haver concluído que ele, o Ego, é nossa maior arma (na verdade a única que temos) e seu estudo tem sido deixado de lado pelos pensadores em detrimento das novidades do inesgotável inconsciente.

De que forma o estudo da biografia dos artistas (conforme sua experiência em campo) pode contribuir para a psicanálise?

Durante 14 anos, com um grupo de colegas, procurei descobrir como foi a vida e a obra de algumas pessoas que são, consensualmente, apreciadas como o melhor que a espécie humano havia produzido. O objetivo era fazer um contraponto ao que estamos acostumados a escutar, tanto nos relatos de casos nas sociedades psicanalíticas ou nas vinhetas ilustrativas dos livros teóricos como nos nossos consultórios. Foram tantas as conclusões e tão grande a repercussão interna em mim causada por este estudo que teria dificuldade de resumir em poucas linhas. Além disto tenho a impressão que a maioria dos meus colegas está mais interessada, no momento, em seguir estudando as enfermidades psíquicas e seus dramas formadores e decorrentes. Sem dúvida um tema também fascinante. A investigação sobre os grandes criadores da humanidade é um estudo sobre a saúde mental e temo que a insistência nestes conteúdos me levariam a uma posição de eco-chato psicanalítico, posição que não quero ocupar.

Alguma recomendação aos analistas em formação?

Tendo presente a máxima “conselho é algo que se encontra na lata de lixo, se recicla e se vende por um preço maior do que tem”, tenho duas recomendações: é fundamental que cada um possa desenvolver seus próprios conceitos como ser

humano e sua própria teoria psicanalítica. Quando se está dentro da sessão com o paciente é impossível recorrer aos referentes externos; nossas respostas têm de ser obtidas dentro de nós mesmos. E, em primeiríssimo lugar, cuidem de suas análises; exijam o melhor de si e de seus analistas. Tenham em conta que os analistas, como seres humanos, gostam de desafios e de enigmas. Mas também, como todos os seres humanos, são passíveis de se acomodar. A nefasta teoria do tripé da formação analítica poderia servir como exemplo pois coloca em pé de igualdade e importância o estudo das teorias psicanalíticas, as supervisões e a análise pessoal. No meu modo de ver são incomparáveis em suas importâncias relativas. Até mesmo porque, na minha opinião, só o impossível estudo de todas as teorias psicanalíticas existentes não formaria um psicanalista capaz de compreender um paciente.

O Narcisismo é o tema deste jornal. Qual relação você faz entre o Narcisismo e a Cultura atual?

Considero que os psicanalistas em geral tendem a ser especialistas em causas e consequências de um narcisismo com defeitos na sua constituição. E isso é muito importante considerando que todos temos falhas nos nossos processos de narcisização. Mas entrevejo outro lado dessa questão. Dentro do artigo de Freud sobre o narcisismo há um parágrafo solto, aparentemente sem visível conexão com seus desenvolvimentos. É quando fala de “sua majestade o bebê”. Um dos grandes ganhos da investigação sobre os grandes criadores foi constatar que todos eles foram, em substancial medida, pessoas muito desejadas e muito bem tratadas nos inícios de suas vidas. Seguindo os ensinamentos de Teodor Reik, Kohut, Winnicott, Bion e Henrique Honigztein, diria que essas experiências iniciais formaram um núcleo primário responsável, na vida adulta, por muito da segurança, da generosidade e da obstinação dessas admiráveis pessoas. Foram, por isso, capazes de produzir inovações às vezes vilipendiadas por todos os circunstantes. Muito impressionante. Dito isso, a resposta teórica à pergunta proposta é simples: todos os avanços culturais e científicos devemos a pessoas que, em maior ou menor medida, foram “majestades” para seus pais. Já os problemas de mal-estar que a civilização enfrenta teriam de ser considerados em outro detalhado capítulo.

Narcisismo

um tema polêmico na psicanálise

Em artigo exclusivo para o Jornal A Brasileira, René Roussillon, célebre psicanalista francês, membro da Sociedade de Psicanalista de Paris (SPP) e professor de psicologia na Universidade de Lyon-II, dialetiza o trabalho da construção na particularidade da psiquê infantil, tal que a transferência traz à superfície o processo analisante e, em particular, duas de suas características: a “fraqueza da síntese” e o narcisismo infantil no centro das patologias narcisistas-identitárias.

O que eu gostaria de salientar, neste pequeno texto, refere-se ao lugar da construção nas patologias narcisistas-identitárias, relacionadas com a questão da fraqueza da síntese evocada por Freud no mesmo período em que escreve o artigo consagrado à construção. De fato, o contexto teórico, no qual aparece o termo de construção, esclarece uma dimensão de escolha desse termo e dos significados que traz consigo.

Primeiramente, eu queria salientar que o termo aparece no artigo que concerne às dificuldades ou às particularidades da memória humana. De um lado, Freud evoca nesse artigo o fato de que a memorização não está sempre ao encontro do processo analisante, e que a convicção deve, seguidamente, se contentar com o índice sensorial para se afirmar: é a referência “excessivamente clara” que vem, assim, sob sua escrita, - referência da qual V. Granoff bem mostrou a permanência em sua obra.

Por outro lado, nesse momento de mudança fundamental que caracteriza o artigo de Freud, é a alucinação que é evocada e que vem como forma particular, ou melhor, como equivalente da memorização, bem como de outro tipo de memória: a memória “perceptiva” e não representativa, não “declarati-

va”, como dizemos, atualmente.

Nessas pequenas notas escritas no exílio final, em Londres, chamadas “Resultados idéias problemas” pela equipe que assume a primeira tradução francesa - e que cada uma mereceria a organização de um congresso-Freud (depois de ter lembrado a constatação de que as experiências precoces mantêm seu impacto psíquico com uma força que ultrapassa aquelas que advêm em seguida) propõe uma hipótese que, sem dúvida, me aparece, cada vez mais, essencial. Ele escreve “fraqueza da síntese” para explicar que as experiências primeiras tiveram mais dificuldade de ser disseminadas e dispersas no “curso dos acontecimentos psíquicos” e mantêm um impacto específico. Freud já havia destacado (1923) que a “fraqueza da síntese” caracteriza também os movimentos de reação terapêutica negativa, que surgem quando o trabalho “de análise” desliga e, contrariamente ao que é esperado, a tarefa de desligamento não é mais seguida de um trabalho de religação.

Lembremos, enfim, rapidamente, que ele recém acabara um formidável trabalho de construção com Moisés e o Monoteísmo, trabalho de (re) construção do que foi mantido fora da memória coletiva e que

uma pesquisa tinha encoberto.

Eu lembro desses elementos do contexto, do trabalho na época em que ele propõe o conceito de construção, porque eles me parecem ter ligação com um aspecto da construção que resultou, no meu entender, muito implícito nas atividades que aconteceram em torno dos significados da construção.

Quero propor para reflexão a hipótese de que o trabalho de construção não é bem analisado no contexto senão em ligação com a “fraqueza das capacidades de síntese”, afetando o eu precoce na metabolização da experiência subjetiva. É para suprir, “depois de tudo”, essas capacidades de síntese deficientes que nós encontramos seguidamente, no centro das patologias narcisistas-identitárias, que a “construção” deva ser proposta ao analisante. Se o processo analisante traz à superfície psíquica experiências precoces não integradas (sobretudo aquelas que estão no centro dos quadros clínicos evocados), aparece, assim, em torno do trabalho de construção, ligado à necessidade de tornar possível essa reintegração, vinculando entre os diferentes aspectos da história ou pré-história do sujeito. Em particular, podemos pensar, na linha do que Freud evoca com respeito ao registro sen-

sorial de “excessivamente claro” e o registro perceptivo das alucinações psicóticas, (mesmo as discrepâncias alucinatórias dos processos perceptivos tal como eu pude descrevê-los) que o trabalho de construção é destinado a modificar o status subjetivo do que se apresenta para a psiquê como o registro sensorio-perceptivo-motor para lhe restituir seu caráter representativo e, assim, necessariamente interpretativo. Pois, é, sem dúvida, um dos efeitos da “fraqueza da síntese” impedir a experiência subjetiva precoce de se inscrever, no seio das cadeias associativas, como representação psíquica, e não, como experiência sensorio-perceptiva “atual”.

Para terminar, eu queria evocar também um outro aspecto da construção muito importante na questão do trabalho psicanalítico com as problemáticas narcisistas-identitárias: a construção da parte do objeto na experiência subjetiva. Uma outra fonte de fraqueza da síntese que afeta as experiências precoces se refere ao fato de que elas se desenvolvem em um tempo durante o qual a diferenciação eu/não-eu não é tão afinada senão pela sequência. Eu pude, anteriormente, verificar, em uma mostragem sobre a clínica do adulto, mas também sobre a primeira infância, que os processos de diferenciação com o objeto não são plenamente adquiridos senão ao fim da crise edípiana. A criança atravessa a primeira infância com momentos de confusão entre o que vem dela e o que vem do objeto, e este em particular por ocasião das experiências particularmente investidas de cargas pulsionais. Mas, mesmo de um restrito ponto de vista cognitivo, R.Zazzo, com a ajuda de um protocolo experimental rigoroso, mostra que, ao contrário do que é constantemente afirmado, o famoso estado de espelho de Wallon pós-Lacan (e que é necessário situar no 18.º mês e não no sexto ou nono mês como uma falsa tradição lacaniana, e a partir de uma indicação de C.Darwin, indicar o tempo) somente se inicia



no 18.º mês, e que o trabalho de seu desenvolvimento continua até, aproximadamente, 5-6 anos.

Uma das consequências dessa particularidade da infância, já sensível na argumentação de Freud, referente ao valor da memória das primeiras experiências (e o status do fantasma na memória “declarativa”, quer dizer, apresentada como tal, que os sujeitos conservam suas experiências subjetivas primárias), é que ela comporta certo nível de indecibilidade subjetiva concernente ao que vem do objeto e que vem do sujeito. Frequentemente, as experiências precoces “sombra do objeto cai sobre o eu” e o sujeito “assimila” (Freud, 1926) o que lhe cai assim de cima. Isso será um outro aspecto da “fraqueza da síntese” que a análise confronta, dessa vez ao inverso: o narcisismo primeiro religa o eu-sujeito, o que provém da resposta dos objetos ao seus élanos pulsionais.

Construir, nesse momento, é construir a diferenciação eu/não-eu, é permitir, “depois de tudo”, que as primeiras atribuições tomadas no narcisismo infantil sejam reconsideradas e reavaliadas à sombra das experiências transferenciais atuais.

No fundo, segundo uma

das consequências da hipótese a transferência traz a superfície dos processos analisantes experiências infantis que contribuíram para as “falsas interpretações” ou as interpretações “infantis” (pensamos aqui nas teorias sexuais infantis e no conjunto de suas derivadas que intervêm na construção do sentido), que o sujeito pode se fazer do que se produz nele e das causas destas, é que o analista deverá reconstruir, por outro lado, e saindo dos impasses ligados ao narcisismo infantil, as “construções” do sujeito obtidas das particularidades de sua organização infantil. Menos que um trabalho de interpretação, é um trabalho de “desconstrução” do impacto do narcisismo infantil do qual ele deve se livrar, um trabalho de desconstrução-reconstrução, assim como é verdadeiro que os dois processos estão estritamente ligados.

Palavras-chave: construção, síntese do eu, narcisismo infantil, diferenciação eu/não eu, patologia do narcisismo.

Tradução Helena Mello

Narcisismo e ferida narcisista materna: de “his majesty the baby” a “the mysterious uncanny”

É um terreno muito conhecido a mobilização do aparato psíquico da mãe, que acolhe em seu espaço mental a gama de representações e transformações afetivas que impõe a gestação de um bebê. Conceitos como os de “preocupação materna primária” e “transparência psíquica” dão conta dessa forma de funcionamento que poderíamos chamar de “arcaico” (ou talvez do tal “Complexo do arcaico”. Guerra, V. (2010)).

Mas, em seus múltiplos componentes, a vulnerabilidade narcisista é uma vivência que se põe em jogo quando uma mãe (ou quem cumpre a sua função) abre sua vida psíquica para acolher e habilitar o desejo no bebê.

Retomo aqui a ideia de que “his majesty the baby” (“as leis da natureza e da sociedade devem cessar ante ele e realmente deve ser de novo o centro e o núcleo da criação” Freud, S. (1914)) como fantasia de completude imaginária, esconde em si seu próprio oposto: a vivência de incompletude, a vulnerabilidade, a insegurança e as lacunas próprias da incerteza. Como uma moeda que baila no ar ao som do ritmo da vida, essas imagens, essas faces irão se alternando em uma oscilação às vezes inesperada, imprevisível.

Porém, esta dupla face do narcisismo materno é um reflexo também do par dialético que (1919) abordara (genialmente) no trabalho “O Ominoso” (O Sinistro), quando nos falava do “heimlich-unheimlich”, como um par dialético no qual um contém o outro.

Minha experiência de trabalho em “Consultas Psicanalíticas mãe (pai)-bebê” me levaram a pensar que, na medida em que o bebê confirme (expetacularmente) o anseio narcisista materno, torna este mais “familiar”, conhecido, seguro... Enquanto que, se o bebê começa a apresentar dificuldades, sintomas que incomodam os pais e que eles não conseguem decifrar, surge a outra face da moeda: a da opacidade, da importância da herança narcisista... e em alguns casos o bebê passaria de “his majesty the baby”, a “the mysterious uncanny”.

Mas qual a origem dessa passagem de tom funesto, catastrófico, doloroso? Em muitas coisas, uma delas seria a herança narcisista que emerge quando uma mãe já não entende o seu bebê, quando já não pode explicar, nem explicar-se porque, por exemplo, ele chora sem cessar, ou não sorri, não imita, não responde como ela deseja, não come, não dorme, etc.

Creio que um dos aspectos que determina a imagem libidinal do “ser

mãe” consiste em portar a ilusão (parcial) de que ninguém como ela conhece o bebê, que ninguém como ela pode “recorrer” à “geografia emocional” de seu filho. A mãe se inaugura como tal na medida em que pode ir reconhecendo (como ninguém) certas características afetivas e físicas de seu bebê. Seu estilo de reação, suas preferências sensoriais, seus padrões de conduta, seus ritmos, suas diferentes formas de choro, suas mudanças na forma de reagir e de comunicar-se, etc. Elementos todos que conformam essa “geografia emocional”.

Porém, se seguirmos essa metáfora, poderíamos pensar que, em geral, quando alguém explora a geografia de “um novo território”, muitas vezes se maravilha com o mesmo, e ao descobrir paisagens novas se permite sentir uma “emoção estética” muito ancorada no impacto sensorial do novo.

Além disso, coloca marcas, signos que estão em relação com sua própria cultura e com a topografia do lugar. Mas isto implica também uma forma de violência sobre “camponeses”, violência inevitável que sente o bebê através, por exemplo, do que P. Alauquier chamara “violência da interpretação”.

Mas nessa particular forma de experiência de “descobrimento geográfico” que é o ser mãe (e pai) se dá algo muito especial. A medida que se descobre “o território novo”, também o sujeito se redescobre a si mesmo e se encontra com o que não deve impor senão coconstruir uma nova linguagem, nesse caso com o bebê. Então, essa “ilusão de saber” sobre a geografia emocional que se coconstrói com o bebê implica também que a mãe tenha um prazer muito especial. **O prazer de inaugurar uma nova língua com seu filho.** Como dizia C. Bolas (1976) “a mãe tem uma língua secreta que logo deve trair porque deve revelar para os outros”. Mas, no início, é necessário para a construção subjetiva do bebê e para a reafirmação narcisista materna que ela tenha a ilusão de que essa linguagem privada, secreta, esteja também baseada em outro aspecto: **o prazer da tradução.**

Entendemos a tradução tal como abordaria S. Sontag (2003) “Em sua origem (ao menos em inglês), a tradução versava sobre a maior diferença de todas: a diferença entre estar vivo e morto.

Traduzir, no sentido etimológico, transferir, eliminar, deslocar. Com que fim? Com o de ser resgatado da morte ou da extinção”.

O bebê necessita ser “traduzido” para passar do corpo biológico para sig-

nificação erógena, para a “vida psíquica”. A mãe tem prazer em traduzir a linguagem do corpo do bebê em linguagem de palavras do mundo adulto. Desta maneira varia a relação que estabelece geralmente um tradutor de línguas com seu objeto de estudo. Na tradução literária um texto já está escrito e dele emerge outro, novo, de passagem de uma língua para outra (da qual sempre se perde algo). Nesse “prazer de tradução” que transmito, se perde o primeiro pólo: o texto do bebê (que está por escrever-se) e a função de tradutora se vão construindo mutuamente, e é a medida que vai se “traduzindo” que se inaugura uma nova língua, a língua secreta que salientará Bolas.

Em definitivo, é a tradução que recria a nova língua e o novo texto que coescrevem a mãe e seu (“circuito de coescritura”) (Guerra, V. 2010).

Assim, quando se instala algum sintoma importante em um bebê, algumas mães vêm abolidas de sua “capacidade de tradução criativa”, sentem que já não entendem seu filho e “o bebê do prazer da tradução” passa a ser o “bebê do enigma sinistro” (“the mysterious uncanny”). Ela já não sabe por que o bebê chora, e se torna inconsolável, e isso fica às vezes instalado no psiquismo materno como uma ferida narcisista, que pode chegar a ter múltiplas consequências na interação fantasmática e real com seu bebê.

Por isso é que, em uma Consulta Psicanalítica com pais e bebês, devemos estar muito atentos a esta dinâmica narcisista em jogo e reconhecer que, para os pais, nós também somos cartógrafos dessa geografia. Devemos ajudar-lhes a reencontrar o mapa perdido, mas sabendo uma coisa: o tal mapa não existe, se escreve com letras invisíveis, que vão se apagando e se reescrevendo permanentemente...

A escrita corresponde aos pais, a escuta a nós mesmos.

* Víctor Guerra

BIBLIOGRAFIA

- Bolas, C. (1976) “La Langage Secret de la Mere et de l'enfant”. N.R. Psychanalyse. Nº 14. Ed. PUF
- Freud, S. (1914) “Introducción del Narcisismo”. T.XIV. Obras Completas. Ed. Amorrortu.
- Freud, S. (1919) “Lo Ominoso”. T. XVII. Obras Completas. Ed. Amorrortu.
- Guerra, V. (2010) “El Complejo de lo Arcaico y la Estética de la (Inter)Subjetivación”. Inédito.
- Sontag, S. (2003) “Traducida”, en “Cuestión de Enfasis” (2007). Ed. Alfaguara.

Tradução Helena Mello

A escuta atonal do analista: patologias do pós-moderno

A minha intenção neste comunicado é pensar na pessoa do analista frente às patologias ditas da pós-modernidade. Trago um vértice artístico na psicanálise, tomando como modelo a passagem da composição tonal, clássica, para a atonalidade. A melodia deu lugar ao ritmo, aos silêncios e ruídos. A harmonia que finalizava as composições em acordes com resolução passou a ser composta por acordes sem resolução. Acordes que não fecham, nem saturam, deixam em aberto a percepção musical e conseqüentemente a comunicação. Deparamo-nos com esse novo fenômeno, principalmente depois de Debussy, no início do século XX.

A elegância, sequência linear, o conforto harmônico e a beleza das melodias, mesmo com áreas de tensão e relaxamento, mostravam a composição clássico-romântica. Sintamos o exemplo neste Larghetto do Quinteto de Mozart para Clarinete e Cordas. De repente damos um salto e entramos no século XX, com o impressionismo de Debussy, o cromatismo de Stravinsky e com eles a música atonal e suas conseqüências. O trânsito em área dispersa, sem centro, sem referência aprisionadora para o compositor, pode ser sentido nas frases em aberto, nos acordes sem saturação. Como dizia Debussy: frases incompletas, abertas, frases femininas. A ênfase a partir daí vai recair não mais na melodia, mas em ruídos, barulhos, e, principalmente, em ritmos, silêncios, pausas, numa volta ao primitivo. O ritmo africano, os desenhos musicais fragmentados, nos quais a corporeidade, a muscularidade e a ausência do verbal passam a ser as formas de representação da alma humana.

Na prática e experiência analíticas, podemos dizer que o recalque falhou. Seus produtos – sintomas, sonhos, formações neuróticas e substituições simbólicas – não preenchem mais as salas de análise. O campo de observação analítica passa a mostrar fenômenos *borderlines*, estados limítrofes, acirramento de atuações de partes perversas e psicóticas da personalidade, a mente se comunicando por via psicossomática, os fenômenos aditivos. O universo é mais narcísico do que edípico. Predomina a comunicação de atos, de corporeidade, de expressão de mente muscular, mais do que a palavra.

O vazio toma o lugar do simbólico, da representação de palavras. Prevalence a representação de coisas (Freud), o desastre da não realização da concepção (Bion), a incapacidade

de suportar a solidão fundamental, os estados de agonias psíquicas (Winnicott), a importância do negativo, a defesa da depressão (Green) como descaixação radical da libido objetal. Todos juntos, esses estados criam o âmbito do irrepresentável, do vazio, do buraco, dos espasmos psíquicos musculares, da solidão desamparada, da falta de responsividade do objeto e do incremento das pulsões orais. O que impera no mundo psíquico é a satisfação material, o prazer pelo prazer, a adição às drogas e pessoas. Afinal, estamos num mundo onde a lei é a moeda e o consumo, com prejuízo da vida afetiva.

E nós, analistas, como nos situamos teórica e tecnicamente frente a estes fenômenos diários em nossa clínica? Ainda acreditarmos que formarmos analistas para analisar neuróticos atende à nossa demanda? A comodidade dos analistas não predomina mais na sua escuta. O divã não é mais o começo e sim um objetivo. Os desejos dos analistas são frustrados dia a dia. Nossos analisandos não obedecem mais à regra fundamental, a transferência é fusional, psicótica, turbulenta, até a sexualidade não está mais a serviço do simbolismo edípico, mas sim do sofrimento narcísico.

Antonio Sapienza, em artigo publicado na Revista Brasileira de Psicanálise sobre a obra de Bion, nos fala de que nossas personalidades atuais povoam polos de terror sem nome, onde predominam fantasias primitivas e imperam os impulsos de morte: “o casal parental apresenta-se destruído-destruidor, envolvido em jogos esterilizadores, sadomasoquistas e em ataques de onipotência suicida-homicida, contendo bebês assassinados e mortos. Vivemos num mundo onde as relações ditas objetais são de desespero e malignidade vampiresca. A dispersão, a negativização dos vínculos emocionais opõem-se à simbolização. Seus efeitos, afirma Sapienza, são diabolizantes”.

Como manter e ter disciplina para associações livres, atenção fluente e manejo da transferência neste mundo atonal? O analista suporta a excessiva frustração do seu narcisismo? Treinar a reduzir expectativas, desejos, necessidade de compreender e apelo à memória nunca foi tão difícil. Ouvir o vazio, a música atonal, a expressão da turbulência das identificações projetivas maciças tiram o analista do conforto e o remetem à tolerância de uma área desconhecida, misteriosa, mais primitiva. Nesse espaço o vazio, a falta da palavra, a música dos atos e dos ruídos

desafiam a composição do par analítico.

Nas aulas de técnica, estou cada dia mais convencido de que o estilo próprio de cada analista é o da improvisação, e entendo por improvisação não a ausência de teoria e uma liberdade sem limites, mas um exercício permanente, junto ao nosso companheiro de trabalho (o analisando) para expandir o pensamento. Ou seja, tocar várias vezes o mesmo tema, executando sempre de modo diferente e buscar acordes novos, arranjos ousados, ouvir sons antes inaudíveis e compor, desse modo, uma música nova.

Escreve Clarice Lispector em seu belo livro *Água Viva*: “Parece-me que o mais provável é que não entendo porque o que vejo agora é difícil: estou entrando sorratamente em contato com uma realidade nova para mim que ainda não em pensamentos correspondentes e muito menos ainda alguma palavra que a signifique: é uma situação atrás do pensamento”. Bem atrás do pensamento tem-se um fundo musical. Mas, ainda mais atrás, há o coração batendo. Assim, o mais profundo pensamento é o coração batendo. Parece que Clarice sabia que, por detrás de tudo, restava o afeto.

Hoje vivemos um desastre traumático da falta ou escassez dos afetos. Penso que nessa fenda entra a função analítica. Não podemos mais ser analistas preocupados em entender, em interpretar, em ficar no “psicanalisar” como defesa de viver o vazio. Se tanto o objeto da transferência como o objeto pessoa real do analista são nossas possibilidades de criar um ambiente para a identificação, para mais coesão de um ego frágil e inconsistente, então devemos nos cuidar bastante. Nossas análises devem percorrer nossas partes psicóticas, nossos núcleos autistas, nossos lutos não elaborados e nosso narcisismo de morte, caso contrário, seremos a repetição de “mães mortas”, objetos não responsivos diante do sofrimento atual.

O sujeito de hoje – diz Carmen Da Poian, em seu livro *Formas do Vazio* – guarda uma nostalgia quase melancólica das marcas de um absoluto que não há mais e de garantias de verdade que se perderam. Vivemos num mundo desencantado e experimentamos atualmente o mal-estar nascido dos vazios provocados pela ausência de Deus, de fé e de lei.

* Carlos de Almeida Vieira



Em 2010, a Sociedade Brasileira de Psicanálise promoveu diversos debates, realizados na Livraria Cultura, relacionando psicanálise e poder. Entre estes:

O poder da mídia

Gensura, pedofilia, sexo, *bullying* e suicídio são alguns dos tópicos que foram discutidos no encontro “A Brasileira na Cultura”, a partir do tema “O poder da mídia”, na mesa coordenada por Maria Isabel Perez Mattos. O convidado, Luis Antônio Araújo, editor de cultura da Zero Hora, deu início às apresentações, dizendo que achava pertinente para um evento da psicanálise começar falando sobre a sua infância.

Nascido em 1967, Araújo conta que sua vocação para o jornalismo começou muito cedo e que ainda recorda um tio chegando em casa e dizendo que iam apreender um jornal. Situações que o impressionavam e que influenciaram na sua visão do que é jornalismo. O editor fez questão de registrar a presença na plateia de Bárbara Oppenheimer, editora de um dos jornais mais polêmicos que, segundo ele, foi o primeiro jornal que comprou em uma banca: o Pasquim. “Hoje, vivemos em um país completamente diferente. No entanto, esse elemento da censura continua. E um exemplo disso foi o fato de o Estado de São Paulo não ter permissão da justiça para publicar informações sobre a operação *boi barica*, que envolve o filho de José Sarney”. Araújo fala também de duas obras que foram alvo de uma tentativa de proibição de exibição na Bienal de São Paulo. O editor de ZH fez questão de enfatizar que a censura é o poder levado ao seu grau mais extremo e absoluto, que tende a impedir o que deveria ser direito de todos: a liberdade de expressão.

O próximo a falar foi Fernando Tornaim, diretor da KZUKA que está completando 10 anos. Ele conta que a chave do sucesso foi o entendimento com o público jovem. “A primeira coisa que fazemos quando criamos uma nova estrutura é um núcleo de relacionamento e inteligência para estudar e compreender tudo o que se passa nessa fase de insegurança, própria do adolescente”. Segundo ele, há uma necessidade muito forte de pertencer. Tornaim diz que, em uma das pesquisas que foram realizadas com 2.000 jovens, 90% disse que sentia necessidade de ser bem sucedido, reconhecido e que isso também aparece no ambiente escolar onde é possível identificar a ambivalência que a escola gera entre o prazer de ter amigos e se estar, ao mesmo tempo, em um ambiente angustiante. “O jovem teme que, com uma pisada na bola, ele já seja vaiado”, diz Tornaim. O editor explica que não adianta fazer matérias tentando dar lição de moral, se os jovens ainda não compraram

a ideia. Assim, a Kzuka trata de assuntos polêmicos, como o fato de as meninas em Porto Alegre, para atíçar os meninos, começarem a se beijar na boca. Falando desses temas, os jovens começam a sentir maior confiança no veículo que se transforma também em fonte de informações para os pais sobre o que os filhos andam fazendo. Porém, existem situações que denotam a necessidade dos jovens de se destacar. Como o caso da menina que criou várias contas de email para fazer uma autocampanha para sair na capa. Só mais tarde ela se identificou, dizendo que, devido à insistência dos demais, aceitaria a publicação. Segundo seu diretor, essas atitudes são comuns no que se refere à Kzuka.

A última pessoa a falar sobre o tema foi Laura Ward da Rosa, que afirmou que não se trata de afastar a mídia da nossa existência, mas que devemos nos preocupar com os seus excessos. “Somos seres de fala. É preciso uma relação com o outro.” A psicanalista afirma que estamos sempre transitando entre o eixo imaginário, o eixo simbólico, e, o real e enquanto estes estão articulados, não há problema, mas se não estão, há um colapso da estrutura e surgem as patologias. Laura traz um exemplo dos excessos da mídia: os concursos de menina miss, em que crianças de menos de cinco anos já passam pela experiência de desfilar completamente maquiadas, com os cabelos cheios de laquê, enquanto outras choram pedindo a mamadeira. “Entre os efeitos prejudiciais dessa mídia, podemos destacar a falta de reflexão sobre a quantidade de informações, o embotamento afetivo até a geração de violência.”

Uma vez terminadas as apresentações, a palavra foi dada ao público presente, que polemizou ainda mais em suas colocações. Helena Surreaux, diretora de comunicação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, entidade promotora do Brasileira na Cultura, afirmou: “Hoje podemos saber que nossos filhos estão no quarto, mas com quem?”. O presidente Gley Costa e José Luiz Pettrucci, fundadores da entidade, além de Ane Marlise Port Rodrigues, foram outras vozes participantes do evento, que foi encerrado com a certeza de que a censura não é a solução para os abusos da mídia e, sim, o bom senso e atitudes que não apenas fiscalizem, mas que protejam, sobretudo, os jovens e as crianças.



Helena Mello, Dr. Rodrigo Boettcher, Dra. Helena Surreaux, Dr. Victor Guerra, Dra. Adriana Loifermen, Dr. Celso Gutfreind e Ananda Feix

Aconteceu

Outubro

- 01 e 02 - Encontro científico do ESIPP
- 02 - Cine Fórum - O segredo dos seus olhos
- 06 - Apresentação de trabalho:
Dr. Marco Aurélio
- 14 - Coquetel Lançamento do Encontro de Estudos sobre as Obras de Freud
- 15 e 16 - I Encontro - Psicanálise: Pensando com Bion - a clínica e a teoria
- 16 - Pensando com o NIA
- 21 - II Jornada de Psicanálise e Neurociência
- 23 - Psicanálise à Brasileira - Quem é esse que se diz psicanalista?
- 21, 22 e 23 - XV Jornada de Psicanálise, XI Encontro de Psicanálise da Criança e do Adolescente, e Cem anos IPA
- 26 - Reunião Clínica - CAP
- 27 - A Brasileira na Cultura - O Poder do Sexo

Novembro

- 5, 6 e 7 - XXI Jornadas Latinoamericanas sobre el pensamento de Winnicott
- 18 - Assembleia Ordinária
- 18, 19, 20 - XL VIII Symposium y XXXVIII Congreso de APA
- 20 - Pensando com o NIA- Debates Psicanalíticos

VISITA

No dia 21 de outubro, o psicanalista uruguaio Victor Guerra esteve na Sociedade Brasileira de Psicanálise em visita à Comissão Editorial do Jornal da Brasileira. Victor Guerra tem colaborado com traduções e artigos para publicação. Edmundo Saimovici, psicanalista argentino, também visitou a Sociedade este ano. Tomou conhecimento da SBPdePA por intermédio da Revista, para a qual enviou artigo a ser publicado em edição próxima.

MOVIMENTOS

2.º semestre 2010

Membro que ingressou no Instituto:

Fernanda de Azevedo Bortoli Felipe

Membro promovido a Associado:

Denise Zimpek T. Pereira

Membros promovidos a Titulares:

Lísia Coelho Leite

Marco Aurélio Crespo Albuquerque

Vera Maria Homrich Pereira de Mello

Festa de final de ano

No dia 4 de dezembro, sábado, às 21h, a Sociedade Brasileira de Psicanálise realizará sua festa de confraternização no Hotel Deville. Haverá coquetel e jantar dançante com música ao vivo. Convites à venda na secretaria.

ESCRavidÃO

Vivi com minha mãe sempre triste
 Minha vó cultivava cravos
 Minha mãe vivia triste
 Minha vó regava os cravos
 Mas não regava as feridas da minha mãe

Vivi com minha vó cultivando feridas
 na minha mãe
 Eu vivia triste
 Eu regava os cravos para a minha vó

Minha mãe, eu e minha vó
 Nos cultivávamos
 Esquecemos de nos regar
 Entristecemos os cravos
 Vivi só
 com cravos que minha vó cultivava
 As feridas da minha mãe viviam tristes
 quando não eram regadas

Vivi sempre triste
 Minha mãe cultivava minha vó
 E esquecia de me regar
 Os cravos feriam-se

Minha vó cultivava cravos tristes,
 mesmo regados

Um dia eu virei um cravo

Cravei minha tristeza na minha vó
 Cravei as feridas da minha mãe na minha vó

Vivo cultivando esquecimentos

Poesia da Dra. Caroline Milman

Espaço lúdico

Espelho meu....

A mulher vê-se ao espelho e diz ao marido:
 - Estou tão feia, tão gorda e tão mal-feitinha
 Preciso de um elogio...
 E o marido responde:
 - Tens muito boa visão...

envie seus textos (crônicas, poemas, artigos,
 contos) para sbppabib@terra.com.br

*A dica à brasileira desta edição
 compartilha uma breve viagem pelo
 mundo virtual com alguns sites que poderão
 informar, atualizar e divertir.*

PESQUISA

Nossa primeira indicação é de conhecimentos gerais. O www.wikipedia.org é uma enciclopédia livre e gratuita no estilo, para os mais antigos, da Barsa ou Mirador, com a vantagem de sua base de dados ser próxima ao infinito. Uma excelente ferramenta de pesquisa que pode ser atualizada, complementada ou mesmo criada pelos internautas. Basta se cadastrar, escrever e enviar para aprovação, tornando-se um colaborador.

ECONOMIA

Já pensou um cinema por R\$ 1,00? Isso existe e vale conferir os sites: www.clubeurbano.com.br, www.peixeurbano.com.br e www.promoo.com.br. Ainda uma novidade para muitos, esses endereços apresentam promoções de produtos, serviços, entretenimento, esporte com descontos que podem chegar a 90%, como um jantar custando R\$ 18,90 em um badalado restaurante.

TURISMO

Na mesma linha do entretenimento, o www.destemperados.com.br é uma boa sacada. Lá você poderá encontrar boas dicas de comidas e bebidas, restaurantes e points maneiros, com descrições completas de estilo, localização, cardápio e preços em cidades charmosas e descoladas. Para os que gostam de ganhar o mundo o www.lonelyplanet.com é um guia de turismo bem interessante. Já o www.viajenaviagem.com é um estimulante site com relatos pessoais de um viajante profissional. Vale conferir! Antes, porém, consulte o www.decolar.com.br para reservar sua passagem ou hotel.

COMPRAS

No endereço www.privalia.com dá pra fazer compras para toda a família com descontos de até 70%. Já no www.comprasnafronteira.com pode-se visitar algumas lojas do Chuy, Rio Branco e Riveira com roteiros e sugestões gastronômicas. Pensando em complementar as compras, o www.ebay.com apresenta boas possibilidades para produtos internacionais, o www.mercadolivre.com.br para compras aqui no Brasil.

Boa viagem virtual.

Exercitando a leitura de Freud nestes novos tempos

(100 anos de IPA – 119 anos de Freud!)

Quantos Freuds existem?

Ler Freud: desafio com que os analistas vêm se debruçando desde o final do século XIX. Associamos essa temporalidade ao “Projeto”, de 1895 que veio à lume em uma instigante correspondência com Fliess, seu único leitor (de uma versão de); às reuniões das quartas-feiras na Bergasse 19, que tiveram início em 1902 – um pequeno grupo de leitores interessados em pensar o universo do inconsciente (algumas versões); e, ainda, com o Congresso de Nuremberg, de 1910, quando foi criada a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) – marco inaugural da globalização do escrito freudiano (várias versões).

Seguramente, sua leitura é uma tarefa que exige constante esforço, devido a múltiplos fatores envolvidos na concepção do seu pensamento. Principalmente, se lançarmos um olhar para a relação de interdependência existente entre o sujeito Freud e sua criação, a psicanálise. Nesse sentido, Assoun (1991) propõe: “Daí a necessidade, para resgatar o sentido próprio da psicanálise, de se fazer referência tanto a seu fundador quanto ao seu nome próprio: a psicanálise só abarcaria sua objetividade ao referir-

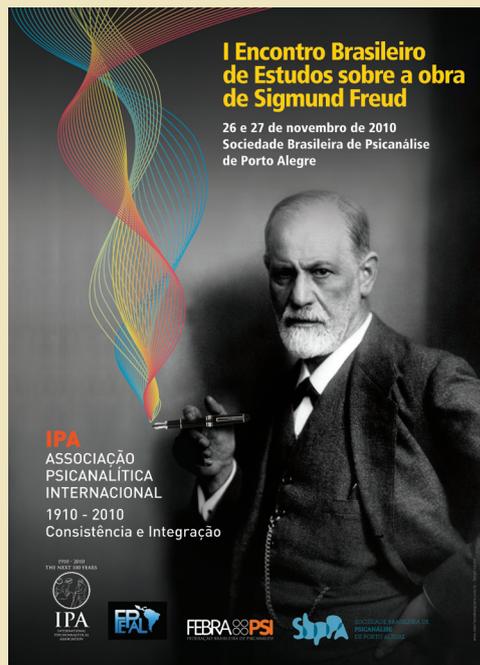
se a seu fundador” (1991, p. 8).

Portanto, ler/estudar a obra freudiana requer disponibilidade de transitarmos pela história – do homem Freud e da psicanálise. Há que despartar, aos moldes de Freud, o es-

sabe, conquistar algo da letra freudiana, fizemos uma montagem que, esperamos, possa ser um bom guia para os leitores que estejam desejosos por aventurar-se pelo território da psicanálise, essa eterna estrangeira para nós mesmos.

Dividimos a obra freudiana em quatro grandes momentos. Escolha extremamente complexa e arbitrária, produto das ressonâncias de nossas inúmeras leituras. Optamos por nos deixar levar pela ideia da virada, seguindo o rastro do que foi nomeada pelos historiadores de a virada de 20. Esclarecendo que compreendemos a “virada” no sentido de toda a riqueza semântica que a contém, relacionada aos avanços significativos, precedidos de uma ruptura, que viabilizaram o surgir do novo, ressignificando o até então pensado, semelhante ao trajeto da teoria pulsional. Advogamos que esse modelo disruptivo e conjuntivo seja uma das causas da perene vitalidade do pensamento freudiano.

*Fernando Kunzler,
Gildo Katz
e Ignácio Paim Filho*



pírito, em cada analista, de vir a ser um “conquistador” (1900a, p. 399), ou, ainda, um “explorador” (1900a, p. 399). Guiados por essa ideia de ser um conquistador/explorador, vejamos por quais caminhos poderemos viabilizar esse encontro com o conhecido/desconhecido que o texto freudiano nos impõe.

Comprometidos com a proposta de explorar e, quem

O homem que virou o mundo de cabeça para baixo

Dirigentes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e convidados reúnem-se para discutir a obra do “pai” da psicanálise. Abram Josek Eksterman fala sobre o tema *Evoluções e Mudanças Teóricas e Técnicas na Obra de Freud*, em evento organizado sob a coordenação de José Luiz Fredra Petrucci.

Sobre Abram Eksterman:

Médico formado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil (Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1959, pós-graduado em Psiquiatria, Psicanálise, Psicossomática e Psicoterapia de Grupo. Dedicado, desde 1962, ao ensino e desenvolvimento da Medicina Psicossomática no Brasil. Fundador e ex-Presidente da Associação Brasileira de Medicina Psicossomática; participante, como relator oficial, de vários Congressos Nacionais e Internacionais. Membro efetivo da Associação Internacional de Psicanálise, do Colégio Internacional de Medicina Psicossomática, da Federação Internacional de Psicoterapia, além de Sociedades congêneres no Brasil. Atualmente, continua na direção do Centro de Medicina Psicossomática e Psicologia Médica do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, onde tem desenvolvido atividades de ensino, pesquisa e assistência desde 1962. Com um grupo seletivo de professores, iniciou em nível de graduação e pós-graduação o ensino regular de Psicologia Médica na Faculdade de Medicina da UFRJ, tendo elaborado seus primeiros currículos e responsável pela organização do Serviço de Psicologia Médica do Hospital Universitário da Ilha do Fundão (atual Clementino Fraga Filho). É frequentemente, convidado para palestras e cursos em várias universidades e é autor de numerosos trabalhos, além de um livro publicado e vários outros que estão sendo terminados.

Frases do conferencista

- *Repensar a obra do criador da Psicanálise equivale a reexaminar o estatuto e a própria prática psicanalítica.*
- *Nos dias atuais, o ser humano pode ser compreendido de maneira muito mais completa do que o era na primeira metade do século XX.*
- *Examinar os pontos de mudança na teoria freudiana equivale a verificar como a aventura psicanalítica levou a cabo essa missão.*
- *Parece, sem dúvida, que Freud gostava de pensar; não gostava, isso sim, de filósofos que criavam pensamentos para esconder suas verdades.*
- *A obra de Freud teve desenvolvimentos; não pontos de mudança.*

Sobre Freud:

Nome profundamente conhecido em todo o meio psicanalítico mundial, possui um obra de 24 volumes (considerando a Edição “Standart” das Obras Completas de Sigmund Freud, traduzidas para o português da edição inglesa), que contém seus escritos desde 1886 até 1938 (Freud morreu em 1939). Nesta, há uma evidente e lógica evolução de suas ideias sobre a psicologia humana, desde os tempos em que, neurologista, trabalhou e estudou com Charcot, em Paris, onde teve seus primeiros contatos com as doenças psíquicas. Sem dúvida foi Freud quem, pela primeira vez na história das ciências, começou a descrever o que se conhece como a constituição psicológica dos seres humanos. Foi, evidentemente, o descobridor da ciência conhecida como Psicanálise, e até hoje sua obra não pode ser dispensada como a base maior de todo o conhecimento psicanalítico, seja qual for a corrente adotada.

Sobre a conferência:

Neste encontro, o conferencista analisa a totalidade da obra de Sigmund Freud sem dar prioridade a nenhum de seus capítulos. O objetivo é estabelecer todos os pontos em que Freud, a partir das ideias iniciais e com base nelas, produziu todas as outras, fazendo evoluir um pensamento novo, embasado em tudo o que havia pensado anteriormente. Nada deixou de ser importante para a obra final - e deve-se dizer que Freud jamais considerou sua obra como algo acabado, mas sempre uma base para que outros a fizessem evoluir. E é exatamente o que tem acontecido. A evolução que a Psicanálise teve, desde a morte do gênio de Freud, é de fato enorme, mas nunca deixará de fazer um diálogo com as bases lançadas por este.